





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JERÔNIMO RODRIGUES - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

ROWENNA DOS SANTOS BRITO - SECRETÁRIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ALESSANDRO FERNANDES DE SANTANA - REITOR

MAURÍCIO SANTANA MOREAU - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Andréa de Azevedo Morégula

Antonia dos Reis Salustiano Evangelista

Cacá Gonçalves

Fernanda Viana Lima

Helena Costa

Jussara Tânia Silva Moreira

Lurdes Bertol Rocha

Maria Lícia Silva de Queiroz

Maria Luiza Silva Santos

Maurício Santana Moreau

Pedro Lopes Marinho

Sabrina Nascimento

Vitória Solange Coelho Ferreira

Wolney Gomes Almeida

PRECISAMOS

FALAR COMO

NATIVOS?

LÍNGUA INGLESA, TRANSGRESSÃO E LIBERDADE



LEVI SILVA SANTOS

**e-ill
arts**
Editora da UESC

Copyright ©2025 by LEVI SILVA SANTOS

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

FINALIZAÇÃO
Deise Francis Krause

DIAGRAMAÇÃO E CAPA
Varnei Rodrigues - Propagare

IMAGEM DE CAPA
Gerado por Chat GPT

REVISÃO
Tikinet Edição LTDA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586 Santos, Levi Silva
Precisamos falar como nativos? Língua inglesa, transgressão e liberdade /
Levi Silva Santos. – Ilhéus, BA: Editus, 2025.
130 p.: il.

Referências: p. 123-130.
ISBN: 978-85-7455-616-1

1. Língua inglesa – Estudo e ensino. 2. Linguística aplicada. 3. Professores
– Formação. 4. Linguagem e línguas. 5. Comunicação oral. I. Título.

CDD 428.24

Elaborado por Quele Pinheiro Valença – CRB 5/1533

EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5170
www.uesc.br/editora
secretaria.editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À


Associação Brasileira
das Editoras Universitárias


ASOCIACIÓN DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS DE AMÉRICA
LATINA Y EL CARIBE

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, quero expressar minha gratidão à minha família: minha mãe, Jaciara, meu pai, Gildeilton, e minha irmã, Larissa. Vocês foram a base da minha construção enquanto indivíduo e sempre me incentivaram a perseguir meus objetivos.

Agradeço imensamente a Morgana Cardoso, minha companheira, amiga e parceira de vida, por todo apoio ao longo da minha formação no curso de Letras e, consequentemente, durante o processo de escrita deste livro. Ele só se tornou realidade porque tive essa mulher incrível ao meu lado. Obrigado por sua paciência ao ouvir, repetidas vezes, os mesmos trechos (sempre com pequenas modificações) e por nunca se cansar de me escutar falar, com empolgação, sobre minha pesquisa.

Aos meus colegas de curso e amigos para a vida – Igor Ramos, Linsmara Nunes, Lori Santana e Natasha Santana –, sou grato pelas conversas, pelas trocas e pelo aprendizado compartilhado. Eles representam muitos outros com quem dividi momentos alegres (e alguns nem tanto) e em quem pude confiar em diversas situações ao longo da graduação.

Um agradecimento especial a Lori, cujas conversas e reflexões foram fundamentais para a construção deste livro.

No âmbito acadêmico, expresso minha gratidão a todos(as) os(as) professores(as) do curso de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), que contribuíram para minha formação como estudante e professor, compartilhando conhecimento e experiências valiosas.

Alguns agradecimentos merecem destaque: à professora Eliuse Silva, que, além do conhecimento transmitido, nos acolheu com

carinho durante a construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), base desta obra; às professoras Patrícia Argôlo Rosa e Walkiria França Vieira e Teixeira, pelas contribuições enriquecedoras, pelo reconhecimento do potencial da minha pesquisa e pelo incentivo para transformá-la em livro; e ao professor Renato Peruzzo, a quem tenho a honra de chamar de amigo, pela primeira revisão desta obra, quando ainda era um TCC, contribuindo para a melhor articulação das minhas ideias.

Minha gratidão mais que especial vai para a professora Tatiany Dalben, minha primeira orientadora, que esteve comigo desde os primeiros passos desta pesquisa, ajudando a construir cada detalhe do projeto e acreditando no meu potencial para propor algo desafiador na graduação. Suas contribuições, desde a concepção da pesquisa até a última versão deste livro, bem como todas as discussões que tivemos tanto na orientação quanto nas disciplinas ministradas no curso de Letras foram essenciais para minha formação e para a escrita desta obra. E não há palavras suficientes para agradecer à professora – e hoje amiga – Suellen Martins, cuja orientação e direcionamento foram decisivos em todas as etapas da pesquisa. Suas contribuições foram fundamentais para o desenvolvimento deste estudo. Muito do meu eu-professor-pesquisador crítico de hoje se deve a essa parceria, que também me proporcionou o primeiro contato com as discussões sobre Inglês como Língua Franca – o cerne desta obra. A essas duas professoras incríveis, meu mais profundo reconhecimento. Vocês foram muito além do papel de orientadoras: participaram ativamente da escrita de trechos, levantaram questionamentos essenciais e guiaram reflexões que enriqueceram significativamente este livro. Obrigado por serem professoras inspiradoras, cuja prática pedagógica e visão de nós, alunos(as), como protagonistas do conhecimento, influenciaram diretamente minha trajetória.

Por fim, sou sinceramente grato à professora Ângela Cabala, regente da disciplina em que esta pesquisa foi desenvolvida, e a todos(as) os(as) participantes, que dedicaram seu tempo e se engajaram nas atividades propostas. Suas valiosas contribuições foram fundamentais para o sucesso deste estudo.



Todos nós, na academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais – e a sociedade – de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade.

bell hooks



APRESENTAÇÃO



Minha relação com a língua inglesa sempre foi marcada pela curiosidade. Imerso na cultura pop dos anos 1990, desenvolvi um gosto por aprender o idioma. Pegava CDs dos Backstreet Boys e das Spice Girls para cantar “direitinho”, assistia a filmes legendados e me encantava com a sonoridade da língua. Esse interesse cresceu, e estabeleci uma meta: quando ingressasse na universidade, faria um estágio e usaria a bolsa para pagar um curso de inglês. Em 2009, iniciei minha primeira graduação, da qual desisti em 2015, mas completei o curso de inglês em quatro anos. Nunca planejei ser professor, mas já dava aulas particulares, e me questionei: por que não? Assim, após um período de reflexão, em 2017 ingressei no curso de Letras – Inglês na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

Durante minha formação, me aprofundi em Fonética e Fonologia e percebi um discurso recorrente no ensino de oralidade em língua inglesa: “Aprenda a falar como um nativo!”. Esse ideal me seduziu por muito tempo, especialmente pelos elogios à minha pronúncia, o que reforçava minha autoestima – e meu ego. Mas não me questionava: por que minha pronúncia era elogiada? Quem eu buscava entender melhor? Quais modelos linguísticos serviam de referência? Embora não exigisse “pronúncia correta” de meus (minhas) alunos(as), ainda reproduzia a ideia de que era necessário “falar direito” para ser compreendido.

Enquanto minha abordagem ao inglês seguia esse caminho, minha relação com o português tomava uma direção oposta. Nos primeiros semestres da graduação, obras como *Preconceito linguístico* e *A língua de Eulália*, de Marcos Bagno, ampliaram minha visão

sobre a variação linguística. Foi então que comecei a questionar: se eu defendia um ensino sociolinguístico no português, por que, no inglês, ainda sustentava a crença de que havia uma forma “correta” de falar?

Em 2020, durante a graduação, tive contato com os estudos de William Labov, considerado o “pai” da sociolinguística. Esse foi meu *turning point*: passei a enxergar o ensino de inglês de maneira crítica. No final do mesmo ano, compartilhei minhas inquietações com a professora Suellen Martins, que me apresentou materiais sobre Inglês como Língua Franca (ILF). Em 2021, cursei disciplinas com a professora Tatiany Dalben que transformaram minha mentalidade e prática pedagógica. Descobri, então, que há décadas pesquisadores(as) discutem a inexistência de um falante nativo ideal, a relatividade do inglês padrão e os impactos negativos desse discurso na autoestima dos(as) aprendizes.

E assim chego a este livro: *Precisamos falar como nativos? Língua inglesa, transgressão e liberdade*, um desdobramento do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), fruto das minhas inquietações e descobertas. O título é uma provocação ao discurso hegemônico que privilegia modelos norte-americanos e britânicos, impulsionados por um mercado de materiais didáticos, cursos e testes de proficiência, além de conteúdos em redes sociais que reforçam essa visão.

O ILF busca desconstruir essas perspectivas ao questionar os padrões de referência e propor um olhar mais inclusivo, que reconhece a pluralidade dos usos linguísticos sem privilegiar um país ou norma específica. Essa mudança enfrenta resistências, pois impacta diretamente um sistema capitalista estruturado na manutenção de padrões hegemônicos. Esse sistema, por décadas, tem moldado e ditado o ensino de língua inglesa, que vem se submetendo a esse sistema sem muitos questionamentos.

Diante disso, a proposta deste livro é construir pontes entre teoria e prática, promovendo uma abordagem crítica e inclusiva no processo de ensino-aprendizagem de inglês. A reflexão crítica é essencial para reformular práticas pedagógicas e combater discursos que reforçam a exclusão e a desigualdade nesse processo.

Convido você, leitor(a), a explorar estas páginas com mente e coração abertos, questionando, se provocando e, sobretudo, (re)construindo saberes e práticas. Que este livro sirva de convite para enxergar o ensino-aprendizagem de inglês como um ato de transgressão, no sentido proposto por bell hooks, em que aprender e ensinar vão além da reprodução de modelos hegemônicos, buscando, em vez disso, emancipação e empoderamento.

A propósito, as epígrafes de cada capítulo foram retiradas de *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, de bell hooks, obra que influenciou a escolha do título deste livro. Com isso em mente, iniciemos juntos esta jornada de questionamentos e descobertas, na busca por um ensino-aprendizagem *crítico, transgressor e libertador* da língua inglesa.



PREFÁCIO

É UMA ENORME ALEGRIA apresentar às(aos) leitoras(es) o livro *Precisamos falar como nativos? Língua Inglesa, Transgressão e Liberdade*. Olhar para a formação de professoras/es de inglês de forma crítica é algo que tenho me dedicado ao longo de minha jornada profissional e acadêmica. À medida que fui refletindo, pesquisando, compartilhando e olhando para minhas emoções e identidades de aprendiz e docente de forma crítica, percebi o quanto eu era influenciada por discursos hegemônicos que impactavam diretamente meu processo de ensino e aprendizagem de inglês. Iniciei minha incursão pelo mundo das habilidades orais e ensino de inglês em 2015, a partir dos estudos da relação entre crenças e emoções na constituição da identidade docente. Desenvolvi uma pesquisa com professoras/es de inglês da Bahia (Martins, 2017) em formação continuada que participaram de um programa de desenvolvimento profissional nos Estados Unidos, buscando compreender o impacto dessa experiência nas emoções-identidades docentes, em especial ao falar em inglês. A tensão entre o falar a língua e o julgamento das/os participantes estava relacionada a crenças limitantes (comumente tomando-se padrões hegemônicos de língua e o falante nativo como modelo a ser seguido) que serviam de obstáculo para o desenvolvimento da oralidade – tema pouco tratado na formação docente na época.

Em Martins, Souza e Aragão (2017), aponto, entre outros resultados, a importância do trabalho reflexivo com crenças, visando o despertar da conscientização sobre o ensino e aprendizagem de línguas, visto que a compreensão de como as emoções e crenças constituem nossas identidades pode incitar mudanças conscientes

frente a esse processo. Em 2020, Levi Santos corrobora essas discussões ao desenvolver ações voltadas para o pensamento crítico no ensino-aprendizagem de inglês por meio da rede social Instagram, em um projeto extensionista de ensino de língua inglesa que eu coordenava. Enquanto colaboradora/or do projeto *UESC English in quarantine*, buscamos romper os muros da academia ao produzir atividades que promoviam interações na língua-alvo, usando diversas ferramentas disponibilizadas pela plataforma digital, para incitar questionamentos e reflexões críticas e decoloniais, bem como contribuir para um ensino-aprendizado de inglês mais consonante com o cenário plurilíngue em que estamos inseridas/os (ver Santos e Martins, 2020). Desde essa época, Santos mostrava-se atento à competência intercultural, à criticidade e às variações inerentes às línguas e culturas. É notável que a construção de Levi Santos como professor e pesquisador, em formação, está carregada da vivência com suas/seus colegas, docentes e projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos na graduação. Seu processo de formação crítica tem se expandido e alcançado suas/seus discentes e atuais colegas e docentes da pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e, por meio desta obra, poderá alcançar leitoras/es interessadas/os em reflexões teóricas e práticas ancoradas nos estudos do Inglês como Língua Franca (ILF) que visam à “promoção de mudança de perspectiva que transpasse crenças, ideias, posturas e princípios já enraizados com relação ao ensino-aprendizado de língua inglesa”.

Fruto do desdobramento das inquietações de Levi Santos enquanto graduando de um curso de Letras em que fui sua orientadora, esta obra é uma contribuição valiosa para o avanço das pesquisas e para a construção de uma formação de professoras/es de inglês que rompa com a ideia de um ensino fechado, euro-eua centrado, homogêneo e embasado na supremacia do falante nativo. A obra é marcada por um pensamento que busca desconstruir

discursos hegemônicos que tomam modelos e padrões de referência euro-eua centrados de ensino de inglês. Começar o livro abordando criticamente o mito do padrão, do falante nativo e a busca por um inglês “correto” nos dá a dimensão da impossibilidade de se pensar um ensino de inglês que não leve em consideração a pluralidade dos usos linguísticos e a reflexão crítica como formas de combater a exclusão, as violências, os preconceitos e as desigualdades.

Com uma narrativa envolvente, Santos traz inquietações e problematizações cruciais para a desconstrução de mitos e crenças presentes na formação de professoras/es e no ensino-aprendizagem de inglês a partir de suas experiências, de reflexões acerca de pesquisas recentes sobre inteligibilidade e habilidades orais e do desenvolvimento do estudo com docentes em formação inicial. O autor nos alerta para o fato de que crenças e mitos trazem implicações pedagógicas que podem ser prejudiciais, já que o imperialismo linguístico impõe desigualdades sociais, dimensões estruturais de opressão, principalmente no currículo, formação e prática docente. Por isso, a publicação deste livro é tão necessária. Os capítulos desta obra refletem o contexto multicultural no qual estamos inseridos e a importância desse entendimento para a mudança de paradigma no ensino de inglês, em seus diversos contextos, e na produção de materiais didáticos. Entre os temas abordados, destacam-se: conceituações de Inglês como Língua Franca (ILF) e inteligibilidade; métodos de ensino de língua inglesa, em especial a pedagogia pós-método e a pedagogia crítica; crenças e mitos no ensino-aprendizagem de LI; sotaque, pronúncia e diversidade linguística e cultural; crítica em relação a um modelo idealizado de falante nativo e, por fim, estratégias pragmáticas de negociação de sentidos para a produção e compreensão orais na formação (inicial) de professoras/es brasileiras/os.

O livro reafirma questões que já sabemos, mas sobre as quais não podemos parar de refletir. Neste sentido, esta obra contribui

para uma educação mais reflexiva, que não apenas abre nossos olhos para os discursos que sustentam crenças e mitos (como inglês padrão, supremacia do falante nativo, sotaque, língua como promoção de sucesso), mas também oferece ferramentas para intervir e mudarmos as circunstâncias de preconceitos, inseguranças e injustiças que circundam a formação e o ensino de línguas. Concorro com o autor que a “comparação constante com o falante nativo não apenas sustenta um ideal inatingível, mas também pode gerar sensações de medo, timidez, bloqueio, insegurança, inferioridade e baixa autoestima em relação ao seu falar, podendo dificultar o desenvolvimento efetivo da língua (Martins, 2017; Andrade Neta; Martins, 2021; Anjos, 2024)”. Portanto, este livro nos convida a refletir sobre a importância de desmistificarmos crenças como “*a pronúncia ‘perfeita’*” e “*fala sem traços da própria identidade linguística*” por impactar na autoestima e confiança das/os falantes e criar barreiras para a sua autonomia, fluidez e desenvolvimento linguístico. O autor não apenas promove reflexões críticas acerca do ensino-aprendizagem de inglês visando ao desenvolvimento de habilidades orais (compreensão e produção), como também desenvolve atividades pedagógicas como forma de contribuir com a formação docente de professoras/es que desejam trilhar caminhos outros no ensino da língua-alvo. Acredito que as sugestões de atividades apresentadas poderão funcionar como instrumentos para reduzir a tensão, o medo e a insegurança de falar na língua-alvo e auxiliar a desconstrução de crenças limitantes. Espero, portanto, que, após a leitura desta obra, a régua do falante nativo nos contextos de ensino de línguas seja “tão obsoleta quanto as palmatórias usadas em sala de aula” (Silva; Martins, 2023, p. 24), que traziam bloqueios e incitavam o medo ao invés de auxiliar na aprendizagem.

Agradeço a honra do convite para escrever este prefácio! Convido as/os leitoras/es a se debruçarem nas narrativas das/os professoras/es

brasileiras/os em formação inicial (estudantes de Letras), participantes da pesquisa, e a refletirem criticamente sobre como certas crenças podem influenciar os processos de ensino-aprendizagem de inglês em seus contextos de atuação. Que este livro sirva de inspiração para impulsionar ações concretas que agenciem práticas pedagógicas mais diversas, sensíveis e multiculturais, e de incentivo para a produção de mais pesquisas que interrelacionem crenças, habilidades orais e reflexão crítica nos processos de formação docente e ensino-aprendizagem de línguas.

Saber que existe no sul da Bahia um jovem docente que busca contribuir para a formação de professoras/es de inglês, fomentar uma maior conscientização sobre o ILF e colaborar com práticas críticas e reflexivas de ensino da Língua Inglesa que reflitam as complexidades do nosso mundo globalizado é reconfortante. Conhecer o autor Levi Santos, compartilhar e partilhar (d)as suas ideias e reflexões é um presente e uma honra. Aprender a aprender com os direcionamentos desta obra é acreditar na possibilidade de uma educação diversa, inclusiva e democrática, na qual valoriza-se a reflexão crítica sobre identidades, experiências e realidades socioculturais diversas. Que possamos, a partir da leitura desta obra, imaginar “esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir”. Afinal, como nos ensina bell hooks: “Isso é educação para uma prática da liberdade”.

Suellen Thomaz de Aquino Martins

Professora Adjunta de Língua Inglesa
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Porto Seguro, maio/2025



SUMÁRIO

Introdução	23
1. Quem define o inglês correto? O mito do padrão, do falante nativo e a busca por status	29
2. Inglês como língua franca (ILF): repensando a oralidade na formação inicial de professores(as)	43
3. Tecendo caminhos: o planejamento e a condução da pesquisa.....	57
4. Desvendando percepções: crenças e expectativas dos(as) professores(as) em formação	63
5. Teoria que liberta, prática que transforma: caminhos para um ensino-aprendizagem crítico de inglês	85
Momento 1: crenças e mitos	85
Momento 2: conhecendo outras pronúncias (compreensão oral)	89
Momento 3: estratégias de leitura (compreensão escrita: <i>scanning skimming</i>)	92
Momento 4: e o Oscar vai para... (compreensão escrita: gênero discurso)	93
Momento 5: <i>who is she/he?</i> (compreensão escrita: gênero minibiografia)	94
Momento 6: duas verdades e uma mentira (produção oral)	95
Momento 7: continue a história (produção oral)	97

6. Refletindo juntos: relatos e perspectivas sobre o processo vivenciado	101
7. Inglês com sotaque de mundo: uma língua que também é nossa.....	111
Propostas de atividades	119
Referências	123